

Resenha de livro

RIBEIRO, Hugo. *Da Fúria à Melancolia: a dinâmica das identidades na cena rock underground de Aracaju*. São Cristóvão, SE: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2010.

Jorge de La Barre¹



Apesar de o Metal ser, ao lado do Rap ou do Punk, um dos gêneros musicais contemporâneos mais globalizados, a realidade das suas apropriações locais no Brasil é relativamente pouco documentada². Na hora em que falamos de “cultura metal global”, pouco sabemos ainda sobre as dinâmicas identitárias concretas levadas por um gênero musical caracterizado pela fragmentação numa confudente variedade de estilos: Progressive Metal, Power Metal, Speed Metal, Thrash Metal, Death Metal, Black Metal, Doom Metal, Goth Metal, Nu-Metal, Grindcore,... todos derivados de um padrão histórico relativamente unificado, representado pelos Hard Rock e Heavy Metal do final dos anos 1960 e início dos anos 1970. Um dos méritos do livro *Da fúria à melancolia: a dinâmica das identidades na cena rock underground de Aracaju*, fruto da tese de Hugo Ribeiro, doutor em etnomusicologia pela UFBA e Professor da Universidade Federal de Sergipe, é justamente de nos dar a descobrir e conhecer melhor a

¹ Bolsista CAPES/Brasil; UFF/PPGA.

² Sobre o Metal na região do Nordeste brasileiro, ver por exemplo Cardoso (2008), e Janotti (2004), que tratam do Heavy Metal em Salvador da Bahia. Sobre o Metal na cidade do Recife, ver Bezerra e alli. (2011). Ver também os trabalhos fundadores de Idelber Avelar sobre o Metal brasileiro (2002, 2003).

complexidade dos processos de identificação e de diferenciação – dentro do gênero Metal tanto como nas suas fronteiras com outros gêneros considerados *mainstream* (Rock, Blues, Pop, etc., mas também músicas regionais ou nacionais brasileiras). Trata-se de um trabalho importante, que descreve a sutileza estético-musical dos vários estilos de Metal tais como eles vão sendo praticados numa pequena cidade do Nordeste brasileiro: Aracaju, capital do Sergipe³.

Sendo a “cena rock underground de Aracaju” (“CRUA”) constituída por uma variedade de estilos de Metal, a originalidade da pesquisa de Hugo Ribeiro foi de selecionar três bandas locais consideradas representativas de estilos distintos e descrever as respectivas especificidades, partindo do pressuposto fundamental da existência de uma equivalência (ou de uma relação de contiguidade pelo menos), entre fronteiras estilísticas e fronteiras identitárias. A fim de definir as respectivas “regras de gênero”, Hugo propõe, a partir dos textos de Franco Fabbri e Simon Frith, um enquadramento analítico adequado e propriamente etnomusicológico, que ele vai aplicando sistematicamente à descrição diferenciada das três bandas consideradas representativas dos estilos Heavy Metal, Doom Metal, e Death Metal, respetivamente: The Warlord, Scarlet Peace, e Sign of Hate. Sendo essa construção analítica um dos principais fundamentos da pesquisa sobre a CRUA, ela merece ser aqui apresentada nas suas grandes linhas. Também poderá inspirar pesquisas futuras, tanto no campo do Metal como de outros gêneros musicais caracterizados pela fragmentação estilística.

Interessada em definir as “regras de gênero”, a construção analítica desenvolvida por Hugo tenta responder explicitamente a uma questão principal, aliás principalmente musical ou estético-musical: *Quais os elementos musicais que influenciam a percepção de uma banda como integrante de um determinado estilo de Metal?* Como bem entendemos, residem nessa questão vários critérios – estéticos e musicais principalmente, mas também socio-culturais e mais precisamente identitários –, que o autor vai analisando ao longo da descrição sequencial das três bandas. O autor vai assim definindo os vários estilos a partir de um conjunto de “regras”, distinguindo para cada banda: as *regras semióticas*, as *regras de comportamento*, as *regras sociais e ideológicas*, as *regras econômicas e jurídicas*, e por fim, as *regras formais e técnicas*.

As *regras semióticas* são essencialmente “as regras de comunicação, como a música funciona como retórica. Essas regras estão relacionadas tanto com o conteúdo lírico, como com a expressividade musical e emocional.” (p. 45). O autor propõe nessa secção uma análise do significado das letras das músicas, assim como a iconografia relacionada ao estilo. As *regras de comportamento* são “as regras relacionadas com as performances musicais, levando em consideração gestos e movimentos utilizados pelos músicos e pelo público, seu comportamento em geral, forma de dançar e de reagir a determinados estímulos.” (p. 45). As *regras sociais e ideológicas* estão “relacionadas com as informações sociais, sua estrutura social interna, classe ou sexo. Elas se referem à natureza da comunidade musical e sua relação social, à imagem que o músico tem ou pretende passar e qual a ideologia que permeia e dá sentido àquela determinada prática

³ Para um panorama da cena local na sua vertente *mainstream*, ver os trabalhos de Yukio Agerkop sobre algumas bandas de música popular brasileira em Aracaju e no Recife (AGERKOP, 2007, 2010). Em anexo ao livro de Hugo Ribeiro aqui apresentado, encontramos também um pequeno artigo de Adelvan Kenobi, que apresenta a cena rock local desde os anos 1980: “Rock Sergipano, esse desconhecido” (p. 359-363).

musical.” (p. 46). As *regras econômicas e jurídicas* informam “o background jurídico e econômico que garante a sobrevivência e a prosperidade do gênero. São questões sobre os meios de produção, propriedade intelectual, direitos autorais, retorno financeiro, comercialização de material (...)” (p. 46). Por fim, as *regras formais e técnicas* são as regras “relacionadas às questões musicais em si, tais como forma musical, habilidades necessárias, timbres e estrutura composicional. Alguns gêneros ou estilos musicais têm um código escrito, seja em tratados teóricos ou manuais de execução, considerados mais importantes, enquanto outras regras são transmitidas oralmente. Tais regras também envolvem conceitos musicais e escolhas relacionadas aos sistemas musicais.” (p. 46).

Esse esquema analítico vai enfatizando tanto os elementos em comum (por exemplo o uso das guitarras distorcidas e dos *power chords* – um referente sonoro central e uma metáfora válida para todo o gênero), como as características específicas, em termos por exemplo de sonoridade, melodia e harmonia vocal e de guitarra, *riffs* e solos de guitarra, andamento mais ou menos lento ou rápido, mudança de textura, vocal gutural (ou rasgado), tema das letras (sobre morte, anti-religiosidade ou caos, por exemplo), etc. – características que, como bem mostra o autor, funcionam como “símbolos” de cada gênero e recursos de identificação/diferenciação.

No entanto, esse esquema ficaria demasiado estático e rígido se ele não viesse apropriadamente complementado com a riqueza da abordagem etnográfica ou “endoetnográfica”, como a chamou o autor, que vai dessa vez tentando responder a uma questão semiótico-antropológica: *Quais são e como os fatores musicais e extra-musicais influenciam os diferentes processos de significação e valoração presentes em uma experiência musical?* Hugo Ribeiro tem sido com efeito, além de professor de guitarra, músico e produtor de umas das bandas pesquisadas, e é através da perspectiva “nativa”, “de dentro”, que ele vem mostrando como os participantes da cena vivenciam os processos de diferenciação, criando e mantendo fronteiras estilísticas.

Um contributo importante do trabalho de Hugo Ribeiro ao estudo de cenas musicais *underground* é de ter mostrado, na linha do trabalho pioneiro de Dick Hebdige sobre o “significado do estilo” (HEBDIGE, 1979), a dupla centralidade da questão das fronteiras estilísticas: não só obviamente em relação ao *mainstream*, mas também e sobretudo *dentro* da(s) própria(s) cena(s) considerada(s). Dar a compreender as diferenças significativas que os membros estabelecem entre vários estilos e seu papel nos processos de identificação talvez seja nesse aspeto a preocupação principal desse livro que, na sua tonalidade geral tem algo de provocativo, pelo menos para o neófito. Seja na CRUA ou em outras cenas de outras cidades do Brasil ou do mundo, o universo do Metal é um universo de diferenciações estilísticas e identitárias difícil de imaginar a partir do ponto de vista do *outsider*. Ao ler o livro de Hugo Ribeiro, talvez esse *outsider* ficasse com curiosidade e quisesse também descobrir por ele próprio as sonoridades dos *power chords* e das guitarras distorcidas. Mas ele ficará sabendo de certeza que, dentro do mundo oculto do Metal, não está nada tudo igual.

Referências

AGERKOP, Yukio (2007). “Poética de uma paisagem: discurso e atuação de quatro grupos musicais da região do mangue”, Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música, Faculdade de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

AGERKOP, Yukio (2010). “Circular cidade: poesia e *groove* na expressão musical de quatro grupos da região do mangue nordestino”, *Per Musi – Revista Acadêmica de Música*, no. 22, jul.-dez. 2010, p. 196-202.

AVELAR, Idelber (2002). “Defeated Rallies, Mournful Anthems, and the Origins of Brazilian Heavy Metal”, in Perrone, Charles A., and Dunn, Christopher (ed.), *Brazilian Popular Music & Globalization*, London & New York: Routledge, p. 123-135.

AVELAR, Idelber (2003). Heavy Metal Music in Postdictatorial Brazil: Sepultura and the Coding of Nationality in Sound, *Journal of Latin American Cultural Studies*, vol. 12, no. 3, 2003, p. 329-346.

BEZERRA, Amílcar, FERREIRA, Daniela, LA BARRE, Jorge de, GADELHA, Wilfred (2011). “Transformações: a cena metal no Recife pós-mangue”, Relatório final de pesquisa cultural no. 124/09, Maio 2011, disponível em: *Portal Pernambuco Nação Cultural*,

<http://www.nacaocultural.com.br/transformacoes-a-cena-metal-no-recife-pos-mangue> (acesso em 2 de outubro de 2012).

CARDOSO, Jorge (2008), *Poética da música underground. Vestígios do Heavy Metal em Salvador*, Rio de Janeiro, E-papers.

HEBDIGE, Dick (1979), *Subculture. The Meaning of Style*, New York & London: Routledge.

JANOTTI, Jeder (2004). *Heavy Metal com Dendê: rock pesado e mídia em tempos de globalização*, Rio de Janeiro, E-papers.